
91º Encontro da Associação Americana de Sociologia

Decorreu em Nova Iorque, de 16 a 20 de Agosto de 1996, o 91º Encontro da Associação Americana de Sociologia. O tema geral proposto pela organização foi: «Social Change: Opportunities and Constraints» («Mudança Social: Oportunidades e Constrangimentos»). Com um total de quase quatro mil inscritos, o maior número de sempre, notou-se uma preocupação da comissão organizadora de orientar as discussões das sessões plenárias e das sessões especiais para temáticas relacionadas com as políticas sociais e económicas, apelando a uma avaliação e a um delinear do papel dos sociólogos nos processos de mudança em curso.

Neste âmbito, saliente-se a sessão plenária subordinada ao tema «Política Social e Investigação Social», que contou com a presença da Secretária da Saúde e dos Serviços Humanos da Administração Clinton, Donna Shalala. A sessão foi moderada por Sam Roberts, colunista do *The New York Times*, tendo os sociólogos Robert Hauser (Universidade de Wisconsin, Madison), Sara MacLanahan (Princeton University) e Melvin Oliver (Fundação Ford) apresentado questões, sobretudo sobre o impacto da reforma do sistema de saúde e da impossibilidade da sua aplicação como previsto inicialmente, devido a uma menos correcta avaliação das resistências organizacionais e burocráticas e do peso dos *lobbies* das grandes empre-

sas de seguros de saúde. Contudo, foi unânime entre os participantes a ideia de que a Administração Clinton proporcionou uma maior abertura ao contributo das ciências sociais, nomeadamente na sua vertente mais aplicada, para a configuração, aplicação e avaliação das políticas sociais.

De referir, também, um conjunto de sessões especiais sobre o «Contrato com a América», programa proposto pela maioria republicana no Senado e Congresso e que visa conter as despesas federais, reduzir os serviços e benefícios atribuídos pelo governo e fortalecer e reforçar os direitos e responsabilidades da família. Foram constituídas sessões sobre cinco temas: imigração; crianças; segurança social; educação e saúde. Mais do que chegar a conclusões, os membros dos diferentes painéis procuraram demonstrar como esse programa político contribuirá para o reforço das desigualdades sociais no acesso aos serviços essenciais. A aposta na comunidade e na família, muito em voga devido aos escritos teóricos dos comunitaristas, como, por exemplo, Amitai Etzioni, não conseguirá desencravar as comunidades minoritárias das grandes metrópoles. Isto porque no interior destas comunidades acentuam-se as divisões, os conflitos, e a perda do sentido de identificação, processos que se iniciaram no final dos anos 70 e têm vindo a acentuar-se. Sem um esforço federal de grandes investimentos, em infra-estruturas e na formação, dificilmente essas políticas terão sucesso.

Como é da tradição, os sociólogos das universidades do local onde se realiza o Encontro procuram dar aos participantes uma visão mais profunda da cidade, sua história, estruturação do espaço, pontos de conflito, experiências-piloto, etc. Assim, uma das actividades mais concorridas e apetecidas são os passeios guiados a pontos de interesse. Neste Encontro organizaram-se 12 percursos que incluíam, entre outras, uma visita ao South Bronx para apreciar o trabalho realizado pela Banana Kelly Community Organization, uma organização fundada em 1977 pelos residentes afro-americanos para combaterem a demolição das casas, tendo conseguido até hoje reabilitar 2000 fogos e dar apoio jurídico a milhares de famílias.

Das sessões sobre Nova Iorque cabe referir uma intitulada: «Documenting the Unique City» («Documentando a Cidade Única»). Andrew Beveridge (City University de Nova Iorque), após ter apresentado dezenas de mapas exemplificativos das desigualdades espaciais (rendimento *per capita* e acesso aos serviços básicos), salientou que a fragmentação do sistema político, aliada à forte autonomia de bairros, localidades, etc., impede um esforço concertado na aplicação das políticas. As zonas de fronteira entre unidades políticas são fortemente penalizadas. Concluiu que o maior obstáculo a uma política eficaz de redução das desigualdades sociais e espaciais era uma estrutura governamental fracionada e múltipla. A moderadora da sessão, Janet Abu-Lughod (New School of Social Research), lembrando os seus trabalhos sobre Nova Iorque, em que era visível um regresso de actividades económicas tradicionais, aquilo a que chamou de periferialização do centro, considerou ser uma das principais tarefas da sociologia o repensar das lógicas e das articulações de escala.

Num registo diferente, quase nostálgico, Richard Sennett (Universidade de

Nova Iorque) optou por analisar como a arte podia ser um registo social de Nova Iorque. Para ele, o facto estruturador é a economia de escala dos meios de comunicação social, em que a indústria de publicações se concentra nas grandes empresas multinacionais. Estas estão mais interessadas na difusão de inovações do que na sua criação, não sendo possível a publicação de obras não-classificáveis. Avançou com o conceito de «shaming networks» (redes de envergonhamento), em que os grandes editores desvalorizam os produtores culturais, assistindo-se, segundo ele, a uma crescente revolta destes últimos. Esta adversidade é, para o autor, estimulante, sendo que o urbanismo tem que ser visto como um refúgio contra a sociedade de consumo. Para Sennett, a oposição crucial não é hoje entre urbano/rural mas sim entre cultura urbana/cultura de massas. A cidade emerge, assim, como uma ruptura das imagens coerentes da sociedade de consumo.

Das sessões onde os autores de livros recentemente publicados enfrentam um painel de críticos («Author Meets the Critics»), a mais mediática foi a que abordou o livro de Seymour Lipset, *American Exceptionalism*. Claude Fischer (Universidade da Califórnia, Berkeley) foi contundente ao rejeitar a ideia de um excepcionalismo americano. Para Fischer, as diferenças com outros países são mais quantitativas que qualitativas, situando-se os Estados Unidos no extremo de uma escala contínua. As diferenças detectadas emergem sobretudo nos finais do século XIX, por exemplo, na forte quebra do crime na Europa contra a manutenção dos níveis existentes nos EUA. Se Lipset atribui a excepcionalidade aos valores, Claude Fischer salienta a estrutura política de forte descentralização. Para Eileen McDonagh (Northeastern University) Lipset não levou o seu esforço suficientemente longe. Isto porque a diferenciação sexual é uma categoria invisível no livro em análise, e o autor faz uma apreciação puramente

normativa e não científica das desigualdades sexuais. Relembrou que as mulheres só tiveram acesso à cidadania política nos EUA em 1920. John Lie (Universidade de Illinois, Champaign-Urbana) acusou Lipset de ser eurocêntrico, pois só compara com a Europa. Referiu que todos os Estados-Nações se representam como excepcionais. Para este crítico, a categoria ausente é a raça e o seu papel obstaculizador da solidariedade da classe operária. Mais do que os valores, são os factores económicos e raciais que explicam a dinâmica social nos EUA. Seymour Lipset, cordialmente, tentou refutar as críticas reforçando a noção de que os EUA são uma nação ideológica, criada de raiz na base de certos ideais e valores, sendo estes o forte anti-estatismo e o individualismo. Reconheceu que, sendo os EUA menos estatistas que os outros países, são-no hoje menos que no início do século.

Das sessões ordinárias promovidas pelas diversas secções da Associação destacaremos duas. «World-Systems: Present Status and Prospects of World-System-Studies» («Sistemas-Mundo: Situação Actual e Perspectivas dos Estudos do Sistema-Mundo») e «New Perspectives on the Study of Culture» («Novas Perspectivas no Estudo da Cultura»). Na primeira, Giovanni Arrighi (Universidade Estadual de Nova Iorque, Binghamton) fez um balanço crítico da teoria do sistema-mundo procurando explicitar os pontos fracos desta teoria. Assim, para este autor, Wallerstein não consegue explicar porquê e como a expansão do sistema-mundo ocorreu num dado espaço e tempo, não acentuando suficientemente o papel da competição políticomilitar. Por outro lado, a ênfase nos conceitos de centro-periferia e nos ciclos de Kondratieff escamoteia o peso e a importância das lutas de classe e das estruturas sociais. Para Arrighi, o sistema capitalista emergiu nos interstícios e não derivou das relações centrais da época. O capitalismo foi um produto de organizações

não-territoriais ou quasi-territoriais e não dos estados territoriais.

Immanuel Wallerstein (Universidade Estadual de Nova Iorque, Binghamton) optou por uma defesa quase ideológica da teoria do sistema-mundo. Para ele, a crítica às teorias da modernização, que estão a ser reabilitadas, produziu quatro resultados:

a) globalismo, onde a unidade de análise deixa de ser a sociedade-Estado. Contudo, tal não deve ser confundido com o conceito hoje em voga de globalização, pois a noção de um mercado mundial é mística e reificada;

b) historicidade;

c) unidade de disciplina, que é diferente da multidisciplinaridade porque é integradora e não-aditiva;

d) holismo, que deve ser distinguido de uma hipotética educação geral. O mais surpreendente foi Wallerstein ter afirmado que a análise do sistema-mundo, como metodologia, tinha atingido o ponto de saturação, não sendo mais portadora de qualquer novidade científica. A teoria do sistema-mundo será válida, sim, como perspectiva ou crítica do sistema capitalista. As questões analíticas de interesse serão: a relação entre as ciências sociais e o bem-estar da humanidade; a relação entre as ciências sociais e as estruturas de poder; a análise de sistemas históricos diferentes e das suas histórias e evolução; a apreensão de como são construídos o tempo e o espaço; o estudo da transição entre sistemas históricos; a busca da verdade e de uma sociedade justa.

Na sessão sobre as novas perspectivas de estudo da cultura, Paul DiMaggio (Universidade de Princeton) propôs uma teoria que integra os resultados principais da psicologia cognitiva. Afirmou que diversos estudos comprovaram que, para a análise comparativa entre culturas, e utilizando o conceito de esquemas (*schemata*) cogniti-

206

vos, a centralidade dos papéis que os actores sociais detinham era mais importante que a centralidade da identidade. Uma teoria cognitiva da mudança cultural terá que incluir os seguintes elementos: um modelo ecológico da aquisição dos esquemas; um modelo da influência do meio; um modelo que explicita a passagem dos esquemas aos guiões (*scripts*) deliberativos; e, por fim, um modelo de transformação analógica dos esquemas e conceitos. Charles Tilly (New School for Social Research), numa comunicação intitulada «How I Came to Believe in Culture» («Como Passei a Acreditar na Cultura»), representou um dos momentos mais empolgantes de todo o Encontro. Começou pôr rejeitar aquilo a que chamou mentalismo, argumentando que, nas ciências sociais, não se pode falar em causas ou efeitos. Para espanto dos presentes, afirmou que o inimigo número um das ciências sociais era a importância dada à narrativa e às histórias, à acção deliberada de alguns agentes, pois conduzia ao idealismo, ao solipsismo, ao reducionismo linguístico e ao cepticismo. Foi peremptório, por outro lado,

no papel crucial da noção de identidade para o estudo dos movimentos sociais e das transformações históricas. O conceito a fixar é o de repertórios disponíveis para a acção, que são utilizados de forma contingente e constantemente reavaliados. Os cientistas sociais devem fixar-se na experiência histórica e colectiva, nos movimentos sociais e na construção e reconstrução das identidades políticas.

Para além das actividades já referidas, constaram do Encontro: seminários didácticos; oficinas profissionais; oficinas pedagógicas, em que os diferentes departamentos apresentam resultados de experiências pedagógicas em curso; sessões de demonstração de programas informáticos para as ciências sociais; sessões sobre a Internet e as Ciências Sociais; mesas-redondas informais; mesas-redondas com comunicações seleccionadas e, a iniciativa mais concorrida, uma feira do livro com a presença das principais editoras universitárias, que apresentam as novidades e muitos livros em pré-publicação. ■

José Manuel Oliveira Mendes